

HISTÓRIAS PARA NÃO DORMIR

Mona Lisa Bezerra Teixeira¹

Nas crônicas que Clarice publicou no *Jornal do Brasil*, de 1967 a 1973, muitas vezes a temática da infância esteve presente, através das recordações do período em que viveu no Recife, da sua relação com os filhos, com outras crianças, com amigos e desconhecidos. As impressões diante de acontecimentos do cotidiano e outros de maior densidade revelam textos tão expressivos como seus contos e romances.

A narração desses episódios explora a linguagem infantil de maneira que não pareça artificializada, assim como revela a essência perceptiva do ser humano em processo de formação, com o despertar dos questionamentos, reflexões e angústias. Em sua maioria são relatos curtos, mas de extrema complexidade.

A natureza infantil, que se expressa irrefletidamente, está reproduzida em “As crianças chatas”. A fragilidade absoluta da criança é minadouro para o ódio incapaz de se transformar em alguma resolução por parte de quem escreve. Chama a atenção a capacidade de reproduzir uma atmosfera de tensão lenta e massacrante, em que a miséria parece ser uma condenação perpétua:

Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome. Ela insiste: durma. Ele diz: não posso, estou com fome. Ela repete exasperada: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? — pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertados. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho de resignação. E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta. (LISPECTOR, 1999a, p. 23)

Em outra perspectiva de estado de dependência e fragilidade da vida, nos deparamos com um texto muito curto, mas pungente: “Reconhecendo o amor”. Diante da presença inocente do filho, temos a fala de um mãe anônima, em um misto de simplicidade e rudeza de poucas palavras surge uma complexa síntese da vida: somente bastava “não querer”, mas já era tarde, e, no sorriso do pequeno, estava à espera de uma existência que não saberemos, jamais, no que resultou:

Este aqui, disse ela apontando para o filho menor com um sorriso de carinho, eu só tive porque descobri tarde demais e já não havia mais jeito de tirar fora. O menino abaixou os olhos e sorriu com modéstia. (LISPECTOR, 1999c, p. 102)

No caminho contrário a essa banalização da vida, “Dia da mães” revela a luta incansável de uma mulher para se tornar mãe. A história da bailarina pertinaz e delicada faz com que seja vista por Clarice como uma mãe em estado latente buscando essa realização impossível. A pequena mulher, que tanto deseja ter uma criança em seus braços, tem a vontade limitada devido a condições físicas porque, ironicamente, possui o sistema reprodutor feminino infantilizado:

¹ Professora pelo programa PNPD na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: mona.lisabt@uol.com.br.

O médico disse que de novo eu poderia perder. Mas, mesmo que numa segunda gravidez eu perca, não desisto: ficarei grávida muitas vezes e aceito a possibilidade de perder. Até que um dia, lá para um dia, eu com muito cuidado conserve ele em mim nove meses, dando até então muita coisa boa para ele ir bebendo e comendo através de meu sangue que vou enriquecer. Até que ele nasça. E será uma vitória nossa, minha e dele. Porque eu sei: é mesmo difícil nascer. (LISPECTOR, 1999a, p. 416)

Em “O arranjo” vamos ter a história de uma moça maltratada desde criança por uma família que “por princípio não usava violência”, mas a chamavam constantemente de “débil mental” e não suportavam mais distribuir os filhos que a miserável criatura colocava no mundo como gatos. É muito impressionante a atmosfera sinistra e desumana da casa, a qual as crianças assimilam através dos adultos, participando da judiação incessante à empregada, que “não era escrava”, e que, à espera do próximo filho, “de um negro sujo”, vai seguindo seu calvário domiciliar.

Às vezes, quando ela passava com a bandeja na mão, olhavam-na com curiosidade e diziam em tom velado por causa dos netos presentes: “logo um negro sujo”. Um dia pareceu compreender melhor e disse muito alto: “mas foram só três vezes!” As crianças exultaram felizes, o pai, a mãe e os avós caíram em cólera pela pouca vergonha, expulsaram-na da sala — ainda por cima tropeçou no tapete e caiu sobre a bandeja [...]. (LISPECTOR, 1999a, p. 117)

Esse ambiente pernicioso, em que crianças reproduzem o comportamento hostil dos adultos, descrito em “O arranjo”, pode ser relacionando com o conto “A casa de bonecas”, de Katherine Mansfield (2006, p. 191-199), a escritora de um dos primeiros livros da vida de Clarice. Nele, as irmãs Kelveys, Lil e Else, filhas de uma lavadeira, sofrem na pele humilhações e constrangimentos em todas as esferas de convivência na pequena cidade. É impressionante a maneira realista com que Mansfield elabora os diálogos e o comportamento das meninas que agridem as duas irmãs, assim como a passividade das duas crianças diante de tantas ofensas, revelando um círculo vicioso de “linha traçada”, como diz a narrativa, sobre classes sociais, intolerância e preconceitos.

“As caridades odiosas” trata das contradições de sentimentos e ações de uma maneira aflitiva. A personagem, provavelmente a própria Clarice, é pega de surpresa tendo seu vestido tocado pela mão de um menino, que pede um doce. Essa situação, que seria trivial no cotidiano dos grandes centros, adquire um caráter punitivo e de reflexão. E, mal tendo tempo de se recuperar da reação antagônica que tal pedido provocara, já se vê inserida em outra situação de adversidade com mais um pedido de ajuda, dessa vez de uma mulher, para pagar um aluguel atrasado.

Sua incapacidade de ser alheia às duas situações de miséria não provoca regozijo à alma. Não há o sentimento de caridade a ser recompensado por Deus. O que existe é a perplexidade diante da vida destituída de sentido, onde os que estão ao redor seguem adiante, fingindo que nada acontece.

O pedido da criança carrega em si a violência da desventura daquele que se inicia diante do futuro incerto, e o da mulher revela, pela tensão do diálogo no ônibus, um meio de vida, um rogo “ciente dos caminhos da desconfiança”.

Fui ao balcão e disse com uma dureza que só Deus sabe explicar: um doce para o menino.

De que eu tinha medo? Eu não olhava a criança, queria que a cena, humilhante para mim, terminasse logo.

Que outro doce você quer?

Este, que mexendo as mãos e a boca ainda esperava com ansiedade pelo primeiro, interrompeu-se, olhou-me um instante e disse com delicadeza insurpotável, mostrando os dentes: não precisa de outro não. Ele poupava minha bondade.

— Precisa sim, cortei eu ofegante, empurrando-o para frente. O menino hesitou e disse: aquele amarelo de ovo. Recebeu um doce em cada mão, levantando as duas acima da cabeça, com medo talvez de apertá-los. Mesmo os doces estavam tão acima do menino escuro. E foi sem olhar para mim que ele, mais do que foi embora, fugiu [...] (LISPECTOR, 1999a, p. 249)

Depois do episódio na sorveteria, vai embora atordoada, e esquecendo de pegar um táxi, acaba tomando um ônibus, onde conhece a mãe de um menino que estava vestido com uma roupa doada de menina. Contando suas agruras, essa mãe a faz dar-lhe o dinheiro que faltava para o aluguel. E depois de agradecer de modo mecânico, não lhe dirige mais a palavra e nem deixa mais a criança brincar com ela. Vale ressaltar que em vários momentos do texto a narradora se apresenta de modo áspero e com atitudes e sentimentos contraditórios que não a glorificam como exemplo a ser seguido. Trata com certa rudeza o menino da sorveteria, depois olha para a mulher do ônibus achando-a velha e suja. Não temos aqui alguém que conta uma história vivida em busca de reconhecimento pela boas ações praticadas. Não existe uma aura de sublimação cristã. De maneira cortante e seca, não há redenção.

Ela era mais digna do que eu havia pensado: conseguido o dinheiro, nada mais quis me contar. E nem eu pude mais fazer festas ao menino vestido de menina. Pois qualquer agrado seria agora de meu direito: eu o havia pago de antemão [...]

Então uma ponta de raiva nasceu entre nós duas. Só o pequeno ser híbrido, radiante, e enchia a tarde com o seu suave martelar: “dá, dá, dá.” (LISPECTOR, 1999a, p. 251)

“Dia da mãe inventada” é outra dura crônica que trata do desamparo de crianças. Em visita a um orfanato, Clarice nos fala sobre a inocência e expectativa constante dos pequenos à espera do aparecimento de suas mães. Num texto que é estruturado em partes como: localização, número de crianças, cronologia, fundador, finalidade, personagem, fato, consequência, conclusão e fim. Tudo nos lembra uma espécie de relatório/fichamento e vamos tendo o histórico da casa que cuida dos menores abandonados. A maneira esquemática como é escrito revela o que essas crianças representam para o estado: apenas mais números. O que há de mais suave nele é a figura da irmã Isabel, sempre em estado de tensão por ter que inventar nomes e inúmeros motivos para justificar a ausência das mães que nunca vêm visitar ou buscar os filhos.

Essa crônica é baseada em uma reportagem feita por Clarice para a revista *Vamos Lêr!*, publicada em 8 de julho de 1941, intitulada “Uma visita à casa dos expostos”. O lugar era a Fundação Romão de Matos Duarte, que abrigava crianças abandonadas. A matéria é dividida em nove partes e em cada uma delas vai sendo apresentado como as crianças são recebidas e educadas nesse espaço.

As crianças são descritas como tímidas e recolhidas, assistem às aulas nesse espaço, uma parte mínima recebe visitas, ou são adotadas. Poucas conseguem sair de lá para se casar e terem suas próprias famílias. E um dos aspectos que chama bastante atenção é quando Clarice observa

que alguns deles bordam enxovais para noivas e bebês. Por ironia, eles, que foram abandonados, tecem a matéria que representa a felicidade futura para outros.

No mesmo caminho dessas infâncias tão mal acolhidas está a da protagonista de *A hora da estrela*. O relato de Rodrigo S. M. a respeito de Macabéa descreve os maltratos constantes que ela sofreu nesse período, e que parecem ser o vaticínio de toda sua vida. Da infância de Macabéa só vai lhe restar a expressão irrefletida de seus pensamentos em partes significativas do enredo, assim como a intensa imaginação, a capacidade imensurável do sonho, que, ao invés de proporcionar alegrias, tragicamente, a levará para a morte.

Expor as suas fragilidades e a aprendizagem de ser mãe, não parece ter sido problema para a autora, como se vê em “Lição de filho”. É o ser humano vulnerável às condições incertas da existência que encontraremos nos textos que narram fatos tão particulares, e que ao mesmo tempo revelam uma complexa manifestação desses movimentos internos do ambiente familiar em sua escrita. Nessa crônica Clarice fala sobre a apresentação de uma moça, que tocaria piano em um programa de televisão. Por achá-la muito frágil, preocupa-a a possibilidade de fracasso em um programa ao vivo, mas se surpreende com o desempenho da pianista e mais ainda com a observação do filho.

Começou, e, Deus, ela possuía a força. Seu rosto era um outro, irreconhecível. De surpresa de descobrir uma alma insuspeita, fiquei com os olhos cheios de água, na verdade eu chorava. Percebi que meu filho, quase uma criança, notara: expliquei: estou emocionada, vou tomar um calmante. E ele:

— Você não sabe diferenciar emoção de nervosismo? você está tendo uma emoção.

Entendi, aceitei, e disse-lhe:

— Não vou tomar nenhum calmante.

E vivi o que era para ser vivido. (LISPECTOR, 1999a, p. 138)

Em continuidade a esse aspecto “Lembrança de filho pequeno” revela uma apreensão dos sentidos e das contrações involuntárias na face da criança, de maneira divertida e ao mesmo tempo comovente. A mãe que vive a situação, à primeira vista corriqueira, também a enxerga como espectadora, para torná-la ainda mais intensa. Diante do filho em formação, e de sua essência que não é facilmente acessível, o texto se caracteriza pela linguagem objetiva, sem diminutivos para falar sobre o menino. Subverte desse modo, um modelo de expressão baseado em tenuidades. É com certa rudeza que ele expressa a beleza da maternidade.

Deslumbramento melancólico com a delicadeza da natureza e o olhar em construção da criança é o que vamos encontrar em “Uma esperança”. A crônica adquire um caráter de fábula e o bicho se transforma no sentimento abstrato e ao mesmo tempo concreto de realização daquilo que se deseja. O inseto feioso acende a beleza da inocência daqueles que se iniciam na vida em contraste com quem luta para continuar acreditando nas possibilidades.

— Uma esperança! e na parede bem em cima da sua cadeira! — Emoção dele também que unia em uma só as duas esperanças, já tem idade para isso [...]

— Ela quase não tem corpo — queixei-me.

— Ela só tem alma — explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa que ele falava das duas esperanças [...]

Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus, queríamos menos que comê-la. Meu filho foi buscar a vassoura. Eu disse francamente, confusa, sem saber se chegaria infelizmente a hora certa de perder a esperança:

— É que não se mata aranha, me disseram que traz sorte...

— Mas ela vai esmigalhar a esperança! — respondeu o menino com ferocidade.

[...] O menino, morta a aranha, fez um trocadilho com o inseto e a nossa esperança. Meu outro filho, que estava vendo televisão, ouviu e riu de prazer. Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo. (LISPECTOR, 1999a, p. 192)

Referências

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.

_____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

_____. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999c.

MANSFIELD, K. **Contos**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.